

A falencia do verso

(Para O DIA — Oliveira Franco Scheinbo)

Andou bem o sr. Dante Milane, juntando as produções dos poetas modernos mais representativos do mundo intelectual brasileiro. Essa "Anthologia de Poetas Modernos" serve para avaliarmos a evolução da nossa poesia. Sem dúvida, "esta anthologia tem um caracter documental e fixa uma época literaria". Quando digo evolução de nossa poesia não quero absolutamente aproximar o vocabulo "evolução" do vocabulo "progresso", mas simplesmente, indicar a marcha do espirito da poesia nacional. Ella — a poesia moderna — nasceu da formação de uma nova mentalidade sedenta de libertação e de formas novas que traduzissem o anseio de renovação social. E o poeta mais singular de todo este movimento renovador foi o sr. Ronald de Carvalho a figura mais tipicamente revolucionaria da nossa literatura. Uma coisa, porém, cumpre dizer: "Esta poesia chamada de moderna ainda possui o mesmo caracter experimental de tentativa de ha dez annos passada. Com excepção dos sr. Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira e Ribeiro Couto que fizeram obra definitiva para a época, os demais, ou andam a procura de uma esthetica revolucionaria ou são poetas nas horas vagas, são poetas de brincadeira. O sr. Mario de Andrade apesar do seu grande talento deixou-se levar para a poesia futil e ridicula sendo assim mesmo uma das mais fortes expressões da intellectualidade brasileira. O mesmo acontece com o sr. Manoel Bandeira. O sr. Jorge de Lima não fugindo ao estado de espirito do tempo abandonou o parnasianismo integrando-se no modernismo cheio de scrupulos, chateado com o que o

sr. Mendes passou dos limites. Com os sr. Felipe d'Oliveira e Carlos Drummond de Andrade chegou até onde na realidade devia chegar. A serenidade do Felipe d'Oliveira ao lado da exaltação pantheista de Murilo Araújo o coloca em situação de inferioridade não chegando, porém, ao lyrismo chocho e triste, á emoção ingenua do sr. Augusto Frederico Schmidt.

Foi Amiel quem affirmou que a primeira qualidade do poeta é a sensibilidade que o coloca em contacto com as angustias humanas. A sensibilidade é indissociavel no poeta. No entretanto, a maioria dos poetas chamados de modernos do livro do sr. D. Milane não possuem a minima sensibilidade. São poetas machucados. Desse mal está cheio o modernismo. Não são expressões de nada, não sentem coisa alguma. A primeira vista parecem que escrevem poesias pelo prazer infantil de serem chamados de poetas... Desse mal está livre o sr. Frederico Schmidt que é um poeta de verdade.

A anthologia do sr. Milane veio suprir uma lacuna. Para a "Evolução da Poesia Brasileira" do sr. Agripino Grieco nada mais possuímos sobre o modernismo a não ser os pequenos artigos do sr. Tristão de Athayde nas series diferentes de seus "Estudos". Tanto Agripino Grieco como Tristão de Athayde fazem critica o que não acontece com o sr. Milane que deixa a critica a vontade do leitor. E' uma vantagem está visto, pois, sem influencias, podemos julgar este ou aquelle poeta, a poesia deste ou daquele poeta. Assim é, que podemos ver e observar nesta commoda anthologia do sr. Milane todo o movimento modernista sem precisarmos recorrer a centenas de volumes magnantes.

Ha gente que su julgava falencia do verso, mas agora...

Frederico Schmidt é um poeta de verdade. Alvaro Moreira um tanto relaxado em sua produção é sempre encorajador como diria o sr. Agripino Grieco. Augusto Meyer, Francisco Karam, José Geraldo Vieira, Luiz Martins e João Alphonsus possuem espontaneidade apreciavel e fazem poesia passavel.

A "Anthologia de Poetas Modernos" é o reflexo de uma época. O seu autor prestou um grande serviço as letras brasileiras. E' um livro que deve ser lido e de grande interesse para os futuros historiadores de nossas letras.

Antes de terminar é bom que se diga: é fatal a falencia do verso. O modernismo acabou com o verso conservando a poesia. Analizemos todos os trabalhos da utilissima anthologia do sr. Milane e veremos que a preocupação dos poetas novos é criar um rythmo proprio, fazer poesia abandonando o verso, então decretada a falencia do verso.

A FALÊNCIA DO VERSO

O Dia – 09 de agosto de 1935.

Andou bem o sr. Dante Milano juntando as produções dos poetas modernos mais representativos do mundo intelectual brasileiro. Essa “Antologia de Poetas Modernos” serve para avaliarmos a evolução da nossa poesia. Sem dúvida, “esta antologia tem um caráter documental e fixa uma época literária”. Quando digo evolução de nossa poesia, não quero absolutamente aproximar o vocábulo “evolução” do vocábulo “progresso”, mas simplesmente indicar a marcha do espírito da poesia nacional. Ela – a poesia moderna – nasceu da formação de uma nova mentalidade sedenta de libertação e de formas novas que traduzissem o anseio de renovação social. E o poeta mais singular de todo este movimento renovador foi o sr. Ronald de Carvalho, a figura mais tipicamente revolucionária de nossa literatura. Uma coisa, porém, cumpre dizer: “Esta poesia chamada de moderna ainda possui o mesmo caráter experimental de tentativa de há dez anos passados. Com exceção dos srs. Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira e Ribeiro Couto que fizeram obra definitiva para a época, os demais, ou andam a procura de uma estética revolucionária ou são poetas nas horas vagas, são poetas de brincadeira. O sr. Mário de Andrade, apesar do seu grande talento, deixou-se levar para a poesia fútil e ridícula, sendo assim mesmo uma das mais fortes expressões da intelectualidade brasileira. O mesmo aconteceu com o sr.

Manoel Bandeira. O sr. Jorge de Lima, não fugindo ao estado de espírito do tempo, abandonou o parnasianismo, integrando-se no modernismo cheio de escrúpulos, cheio de um medo que o faz o único dos novos agarrado a certas leis do verso e a resíduos de classicismo poético que o torna original até certo ponto. O modernismo, com os srs. Mário de Andrade, Manoel Bandeira, Oswald de Andrade e Murilo Mendes, passou dos limites. Com os srs. Felipe d'Oliveira e Carlos Drummond de Andrade, chegou até onde na realidade devia chegar. A serenidade de Felipe d'Oliveira, ao lado da exaltação panteísta de Murilo Araújo, o coloca em situação de inferioridade, não chegando, porém, ao lirismo chocho e triste, à emoção ingênua do sr. Augusto Frederico Schmidt.

Foi Amiel quem afirmou que a primeira qualidade do poeta é a sensibilidade que o coloca em contacto com as angústias humanas. A sensibilidade é indispensável no poeta. No entanto, a maioria dos poetas chamados de modernos do livro do sr. D. Milano não possuem a mínima sensibilidade. São poetas mecânicos. Desse mal está cheio o modernismo. Não são expressões de nada, não sentem coisa alguma. À primeira vista, parecem que escrevem poesias pelo prazer infantil de serem chamados de poetas... Desse mal está livre o sr. Frederico Schmidt, que é um poeta de verdade.

A antologia do sr. Milano veio suprir uma lacuna. Fora a “Evolução da Poesia Brasileira”, do sr. Agrippino Grieco, nada mais possuímos sobre o modernismo, a não ser os pequenos artigos do sr. Tristão de Athayde nas séries diferentes de seus “Estudos”. Tanto Agrippino Grieco como Tristão de Athayde fazem crítica, o que não acontece com o sr. Milano, que deixa a crítica à vontade do leitor. É uma vantagem, está visto, pois, sem influências, podemos julgar este ou aquele poeta, a poesia deste ou daquele poeta. Assim é que podemos ver e observar nesta cômoda antologia do sr. Milano todo o movimento modernista sem precisarmos recorrer a centenas de volumes maçantes.

Há gente que eu julgava fazedores de versos, mas nunca poetas. O sr. Afonso Arinos de Melo Franco, por exemplo, eu reputo um brilhante espírito, mas um péssimo poeta. Falta-lhe sentimento. “Robinson Crusoe” é uma amostra irritante

dessa poesia mecanizada. “Elegia da Paz em Lausanne” é uma bonita página em prosa. Nada mais.

O sr. Abgar Renault conheci por intermédio do “Fon-Fon”. É um espírito suave e medroso com tendências para ser um bom poeta. Cassiano Ricardo tem qualidades inegáveis. O modernismo estragou-o, como estragou a Menotti del Picchia, figura das mais inteligentes de sua geração. Menotti estaria melhor no parnasianismo, como também Cassiano Ricardo. A gente sente que os dois estão deslocados. O mesmo acontece com o imaginoso Olegário Mariano. Guilherme de Almeida é mais parnasiano que modernista.

O sr. Onestaldo de Pennaforte, Pádua de Almeida, Paula Torres e Pedro Nava são os menos poetas de todos os poetas da antologia do sr. Milano. Principalmente o sr. Pedro Nava é um péssimo poeta. E não resta dúvida, é preferível não ser poeta do que ser um péssimo poeta como esses senhores Nava, Torres, Almeida e Pennaforte. No mesmo plano do sr. Nava está o sr. Pennaforte.

Raul Bopp já teve os seus bons tempos. Ribeiro Couto é sempre um bom poeta, como sr. Frederico Schmidt é um poeta de verdade. Alvaro Moreyra, um tanto relaxado em suas produções, é sempre encantador, como diria o sr. Agrippino Grieco. Augusto Meyer, Francisco Karam, José Geraldo Vieira, Luiz Martins e João Alphonsus possuem espontaneidade apreciável e fazem poesia passável.

A “Antologia de Poetas Modernos” é o reflexo de uma época. O seu autor prestou um grande serviço às letras brasileiras. É um livro que deve ser lido e de grande interesse para os futuros historiadores de nossas letras.

Antes de terminar, é bom que se diga: é fatal a falência do verso. O modernismo acabou com o verso conservando a poesia. Analisemos todos os trabalhos da utilíssima antologia do sr. Milano e veremos que a preocupação dos poetas novos é criar um ritmo próprio, fazer poesia abandonando o verso. Está decretada a falência do verso.